

PIM PAM PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

DE SANTA-RITA

COMO SE FAZ UM "TAMBOR"

por MARÍLIA CABRAL

SEMPRE que um regimento passava na rua, o João, dez anos ladinos e espertos, corria à porta de casa, a admirar, encantado, o garbo com que os soldados marchavam.

Suspirava fundo e pensava, por certo, que devia ser óptimo correr atrás deles, segui-los onde quer que fóssem.

Mas dentro, na sua cadeira de entrevada, a avó gritava-lhe sempre:

— «Ouve lá, João. Tu cuidas que a vida se ganha assim, a olhar para as môscas?»

Então, lembrando-se que era êle, agora, o único amparo da pobre velhinha, o João ia a um canto buscar a «caixa do officio», beijava a avó, e deixava a correr, gritando com tôda a sua força:

— «O' caixa, ó graxa, ó freguês!!! Sou artista no oficio... patrãozinho. Ora, experimente, sim?»

Com êstes e outros ditos semelhantes, e porque era inteligente e trabalhador, tinha conseguido arranjar grande número de fregueses que o preferiam, e lhe garantiam, assim, um lucro razoavel.

Passou tempo e a pobre velhinha morreu.

Só na vida, o João continuava a trabalhar, e a viver na sua humilde casinha, como se fôsse um homem pequenino.



Mas o seu amor por tudo quanto fôsse militar, continuava latente e, certa manhã, em que fôra despertado pelos clarins de um regimento, que passava perto, não resistiu à tentação... Fechando a porta à chave, meteu pernas a caminho, e foi andando com êles.

La contentíssimo! Quanto mais andava, mais entusiasmado se sentia. Naquele frágil corpiço, havia uma grande alma de soldado e um coração que lhe batia apressado no peito, ao lembrar-se que aqueles homens não hesitavam um segundo em morrer pela sua Pátria, logo que fôsse preciso.

— «Tambem hei-de ser soldado!» — dizia, de si para si, o João, com energia. E ia andando sempre, sempre.

Chegados ao termo da viagem, os soldados pararam. Depois de receberem as respectivas ordens do comandante, cada qual foi às suas obrigações.

Com êles, parou também o João. E foi só então que êle reparou que se encontrava num descampado, completamente desconhecido para êle, e muito longe da sua casa, a avaliar pelo cansaço que sentia, êle que dantes era infatigável!

Desanimado, cheio de fome, e cheio de pena que êsse homem gorducho, que distribuía o rancho aos soldados, se não lembrasse dêle, deixou-se cair no chão, e não tardou a adormecer.

Já quasi noite, quando o alferes José de Albuquerque recolhia à sua barraca, deparou o garoto que dormia ali perto, em cima duma pedra.

Chamou pelo impedido.
— «Ouve lá. Quem é êste pequeno, sabes?»

— «Não sei, meu alferes!...»
— «E' preciso tirá-lo daqui. Leva-o para a minha barraca.»

Ao ser transportado, o João acordou. Então, o alferes Albuquerque perguntou-lhe:

— «Como vieste aqui parar, pequeno?»

— «Eu... eu vim com os soldados...»
— «Mas onde moras?»
— «Moro em Arroios...»

— «Em Arroios?! Mas tu sabes onde estás?»

— «Não, senhor...» — dizia o João coçando na cabeça, a modos de atrapalhado.

— «Estamos muito para cima de Sacavém, rapazinho. Como vais agora para casa? Que vais dizer a tua mãe?!...»

— «Já não tenho mãe...»
— «Mas a teu pai?»
— «O meu pai morreu quando eu tinha sete anos; e a minha avó morreu, também, há seis meses...»
Pelos seus olhos verdes, muito lindos e vivos, passou uma sombra de tristeza que comoveu o alferes.
— «Como te chamas?»
— «João.»
— «João de quê?»
— «João de nada...»
— «Então não tens mais nenhum nome? O teu pai como se chamava?»
— «Era Zé Marujo, porque era marinho num vapor muito grande.»
— «Mas não tens mais família?»
— «Não senhor. Sou só eu.»
— «Bem. Nêsse caso... precisas de comer e dormir. Pega... Come à vontade.»

Com a barriga bem cheia, o João deitou-se num molho de palha, na barraca do alferes, que o cobriu com um capote e não tardou que ambos dormissem a sono solto.

Há muitos anos atrás, numa aldeia do Minho, passara-se uma cena triste. Maria, a filha única dum homem muito rico enamorara-se de um dos



seus feitores, bonito e garboso rapaz, o que dera origem às zangas do pai, que para ela sonhara já um marido de categoria mais elevada.

Ante a resistência da rapariga, o pai consentiu no casamento, com a condição expressa de não voltar a vê-la.

Casados, Maria e o marido embarcaram para o Brasil, onde levaram dura vida. Na esperança de dias melhores, para o seu filhinho, resolveram embarcar para a America.

Mas Rui era fraco e doentinho. A vida ali não fôra melhor.

E ao fim de alguns anos appareceu outro filho, que fazia a mãe sorrir tristemente mas encheu o Rui de alegria.

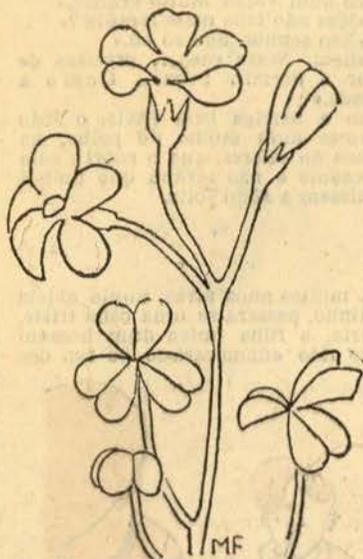
Exausto, o pobre pai adoeceu gravemente. A mãe, louca de dôr, sem meios para o tratar, saltou para a rua, com os filhos, a implorar a compaixão de quem passava. Foi presa. Mas como só falava o português e ninguém a comprehendia, foi levada ao cônsul que, comovido, os mandou regressar a Pátria.

Deu-se, porém, um grande desastre a bordo do barco em que seguiam, e a pobre Maria voltou à sua terra, apenas com o seu Rui. O marido e o pequenino Mário tinham desaparecido para sempre. Desolada, cheia de angústia, com o filho, aconchegado ao coração,

NO REINO DAS FLORES

DESENHOS PARA COLORIR

Oscalis violacea



Caulo e folhas verdes. Flôr cor-de-rosa com estames amarelos.

Gentiana crinita



Caulo e sépalas verdes. Corola rôxa.

Silene virginica



Caulo e folhas verdes. Pétalas e estames vermelhos.

fôra procurar o pai, no intento de o comer. Mas o pai já tinha morrido, sem testamento e, assim, como única herdeira que era, pôde enfim viver sem privações e educar o seu Rui. Porém o desgosto foi-a minando, e já não conseguiu ver o seu filho fardado de alferes, porque a morte a levou. E Rui ficou só e triste, a chorar a sua mãe-zinha!

Na confusão do naufrágio, muitas foram as pessoas que morreram afogadas, e as que se salvaram, nadando em diversas direcções. O Zé Marujo, marinheiro do navio, quando lutava com as ondas para se desprender duma baleira que se voltara, encontrou na sua frente um vultozinho inerte, prestes a submergir. Agarrou-o e nadou durante muito tempo, até que foi salvo por uns barcos que passavam longe da costa.

Uma vez a bordo, convenientemente tratados e reanimados, o Zé Marujo verificou que tinha em seu poder um lindo bebé de um ano, pouco mais ou menos. Quem seria? A quem pertenceria aquela criança? Que faria dela, agora? Conservá-la-la?

Todas estas perguntas, e muitas mais ainda, lhe bailavam no cérebro, quando o pequenito, rindo para êle, como a agradecer o que lhe devia, bateu as mãozinhas e lhe chamou pápá. Enternecido, o Zé Marujo apertou-o ao peito.

— «Pobre peguerrucho! Que será de ti agora, se te deixar? Dinheiro não tenho para te dar, mas não te faltará mimos meus e da minha velhota, descança!»

Bellou-o. E o bebé continuou:

— «Pápá, pápá...»

Foi assim que o João cresceu, até à altura de começar a nossa história,

convencido de que o seu pai era o Zé Marujo.

No dia seguinte, o João acordou mal despontou a manhã. Olhou em redor. Sentou-se na palha, e começou a pensar na sua vida.

Como estava longe da sua casa!... Teria êle coragem de voltar para lá a pé? E saberia o caminho?

Muito triste, começou a chorar. Então, uma mão amiga lhe poisou no ombro. E o alferes Albuquerque perguntou-lhe:

— «Porque choras, João?»
— «Estou tão longe de casa... e não sei o caminho... Tenho medo de voltar sozinho.»

— «Não chores. Vou pedir ao comandante que te deixe aqui ficar, queres?»
— «Oh, se quero! Quem me dera. Como é bom, senhor alferes!»

— «Está bem, está bem, meu pequeno. Vai-te vestindo, até já.»

Meia hora depois, Rui de Albuquerque voltou com o consentimento do comandante, o que encheu de alegria o pequeno João.

— «Vai ver, meu alferes, como hão-de gostar de mim!»

Em breve, o João era querido de todos. Sempre pronto a fazer lhes todas as vontades, nunca parava.

Limpava o calçado aos oficiais, ia ao correio buscar e levar a correspondência, comprava-lhes o tabaco, fazia tudo quanto lhe pediam, sempre do melhor grado. A's vezes, queriam dar-lhe dinheiro, mas êle regeitava sempre.

— «Não! Não quero dinheiro. Quero é que me ensinem a tocar no tambôr... Isso é que eu gostava!...»

E sempre que podia, lá estava zumba que zumba, a rufar no tambôr.

Certa tarde quasi ao anoitecer, o alferes Albuquerque, ao mandá-lo comprar cigarros, ficou admirado de o não ver, como de costume, pronto a cumprir a ordem.

— «Então?» — perguntou-lhe.
— «Eu vou, meu alferes, mas... queria que me emprestasse uma espingarda, sim?»

— «Para que queres tu a espingarda? Vais brincar aos soldados, ou vais à caça dos morcegos?»

— «Não é nada disso, meu alferes! E' que o velho da ponte é mau atira-nos pedras, e se me vir com a espingarda tem medo e deixa-me passar.»

— «Que velho é esse?»
— «Não sei, meu alferes. Parece que é mudo, porque nunca fala; mas quando os rapazes se metem com êle o lhe chamam «maluco», atira-lhes pedras. Vive debaixo da ponte, numa barraca de lata.»

Rui riu-se, e foi com êle ver o velho. Passaram dias...

Eram já velhos amigos, quando receberam ordem de abalar, por terem findado os exercicios.

Tudo estava a postos para a partida, quando se lembraram que um dos corneteiros tinha adoecido.

— «Quem devia substituí-lo?»
— «O tambôr talvez!... Que sabia daquillo! Mas depois quem tocaria o tambôr?»

O caso complicou-se, quando o João, sem dizer nada a ninguém, com uma ideia louca a ferver-lhe na cabeça, apanhou do chão o tambôr e as baquetas e deitou a correr em direcção ao comandante.

— «Dá licença, meu comandante?» — perguntou êle, prefilando-se, como se fôsse um soldado de verdade.

— «Que queres?»

(Continua na página 8)

FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



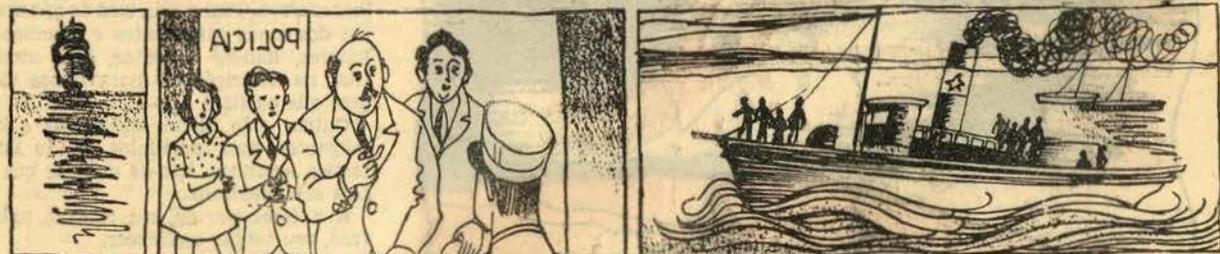
Desanimados, regressavam já a casa quando, ao chegarem junto da estação do Cais do Sodré, descobrem, providencialmente, um dos homens que foram encontrados amarrados a bordo. Fajoca, seguido por Patachoça, corre para ele e entabulam conversação. Caralaroca tem, então, uma ideia: Fazer falar o homem. Para o efeito, convida-o para um passeio no carro e leva-o até à esplanada de Algés. Uma vez ali, mandam vir bebidas, as quais o homenzinho ingeriu com satisfação. Algum tempo depois, parece-lhe que a cabeça começa a aumentar de volume e sente simultaneamente que a língua está menos presa!... Numa confissão completa, faz amplas declarações: O lugre fôra



comprado pelo falso cego, que possuía uma fábrica de moeda falsa, onde executava as encomendas que recebia do estrangeiro. Na noite da luta a bordo, o lugre recebera grande «carregamento» que se destinava a ser entregue no alto mar a um navio que o aguardaria em frente do Cabo Espichel. Em dado momento, Fajoca olha para o rio e verifica, habitual serenidade, faz um sinal ao neto para que sossegar na sua frente, em direcção à barra, provando, assim, que o homem falava verdade. Caralaroca, sem perder a sua habitual serenidade, faz um sinal ao neto para que sossegar na sua frente, em direcção à barra, provando, assim, que o homem falava verdade. Caralaroca, sem perder a sua



visto o que lugre navega à vela e o vento está fraco, não lhe dando assim margem a que se afaste rapidamente. Deste modo não será difícil alcançá-lo num barco a motor. Prosseguindo na sua narrativa, o homem conta, então, o motivo porque fôra amarrado: Ao saber qual a «qualidade» da carga, ele e os seus dois companheiros — um deles o que morrera — recusaram-se a tomar parte na patifaria. Porém, sabiam já demais!... Como se lembrava bem ainda da forte luta travada com os outros companheiros menos escrupulosos, os quais, mais fortes em número, acabaram por os dominar, amarrando-os e amordando-os depois. Entretanto, enquanto o ho-



mem ia falando, o lugre ia-se afastando rio abaixo e Caralaroca, já ao facto do que pretendia saber, resolveu, então, dirigir-se imediatamente à policia, a qual pôs ao corrente do que se passava, pedindo ao mesmo tempo a sua intervenção. Esta não se fez esperar e logo um dos rebocadores policiais, levando a bordo os quatro protagonistas e um forte destacamento, se lançou a toda a velocidade, rio abaixo, em perseguição do lugre...

(CONTINUA)

OS HABITANTES DA LUA

POR RIBEIRO ANTUNES



Há dias, uma pessoa das minhas relações, teve a amabilidade de me felicitar pelos contos e lendas com que costume tomar parte nesta grande batalha infantil das quinta-feiras. As espingardas, são as canetas dos que escrevem no jornalzinho. As munições, a imaginação dos autores. O campo de batalha é todo o país de norte a sul. O alvo a atingir, o minúsculo cérebro dos leitorzinhos.

Os redutos a transpôr, são os lares portugueses onde vivem meninas e meninos. E, assim, fazendo «Pim-Pam-Pum» para a esquerda, «Pim-Pam-Pum» para a direita, vamos distraíndo, educando, vencendo e convencendo, tomando eu parte nesta grande batalha como soldado modesto mas valente, que não quer deixar pelas ruas da amargura a honra da sua espingarda.

Ora, a tal pessoa, depois das suas felicitações, teve a sinceridade de me dizer como bom e leal amigo:

— «As tuas Lendas das Flores e do Tempo são interessantes mas se tens na tua vida excelentes aventuras, porque não as escreves?»

— «Ora essa!... exclamei. Não lèste a «Caçada aos Leões?»

— «Li. Mas tens outras melhores. Por exemplo:— a tua aventura à Lua... Estas palavras tiveram o condão de

me fazerem recordar coisas maravilhosas. Foi como se um contacto eléctrico me tivesse transmitido um choque violento.

Excelente ideia! Eu próprio me admiro como foi possível ainda não ter contado aos leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» a minha fantástica viagem à Lua, a mais extraordinária aventura de toda a minha vida.



O que lhes vou contar ocorreu no ano passado, na noite de Santo António.

Eu estava no terraço da minha residência. Confortavelmente instalado numa poltrona e fumando um cigarro. Como era cedo, ainda não havia nas ruas o habitual bruhaha próprio da quadra dos santos populares.

Fatigado por um dia de trabalho intenso, estendi as pernas ao longo da poltrona e recostei-me, quasi deitado, distraíndo-me com as pequeninas nuvens de fumo, produzidas pela braza do tabaco.

E sonhei — sonhei acordado.

Não se admirem os meus leitorzinhos. Quantas vezes, também acordados, os pequeninos leitores já têm «dado largas» à vossa fantasia? Como se chama senão «sonhar» a êsses apetites

constantes de bonecas, cavalos de pasta, aviões que voam, combójos que marcham, balões multicolores, soldados de chumbo, palhaços que riem, bebés que choram?!...

Quantas vezes, mesmo acordados, os meus leitorzinhos já têm sonhado com um mundo maravilhoso de brinquédos que o vosso pequenino cérebro idealiza, consoante o gosto e as preferências de cada um de vós?

E o que é também senão sonhar, sonhar acordado, êsse desejo ardente, sincero, que as meninas têm de usar saltos altos como os da «mamã» e o entusiasmo com que os meninos aguardam a ocasião de vestir umas calças compridas, iguais às do papá?

Pois fiquem sabendo que o sonho não escolhe idades. Todos sonhamos acordados — crianças e gente crescida. As ilusões é que são diferentes... Servem estas palavras para que não se admirem e se convençam de que, embora acordado, eu estava sonhando no meu terraço, há um ano, na noite de Santo António... Mas não era com brinquédos. O meu sonho, nêsse momento, era uma viagem à Lua!

Todos os meus leitorzinhos têm visto e sabem o que é a Lua. Estou certo que, depois de lerem esta narrativa, hão-de olhar para o céu e fixar, com a maior atenção, êsse astro que, não tendo luz própria, ilumina a terra de noite com o reflexo da luz que recebe do Sol.

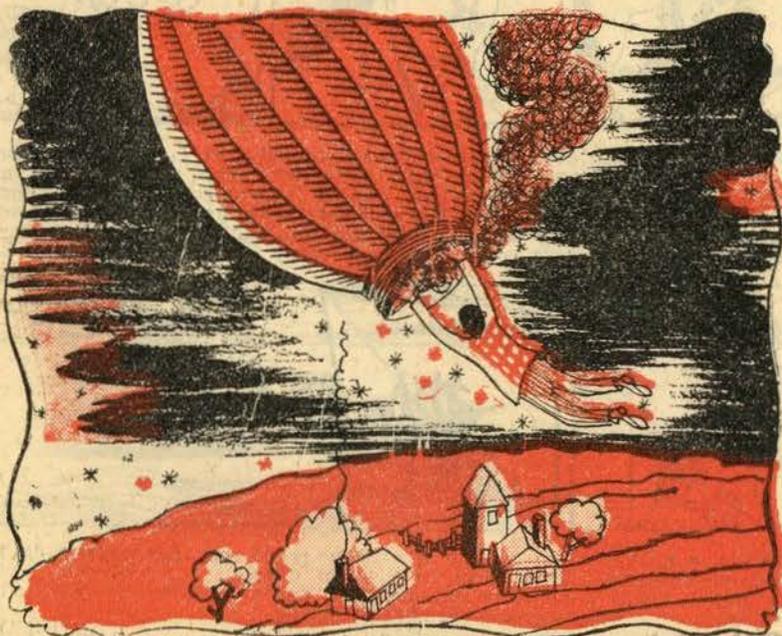
Maior ainda será a vossa curiosidade e fantasia, se eu lhes afirmar — porque já tive a felicidade de vêr — que, como a Terra, a Lua também é habitada. As pessoas que lá vivem, os costumes, toda a natureza é que é diferente.

Peço-lhes que aceitem a fantasia que lhes ofereço. Tenho a certeza de que muitos dos meus inteligentes e estudiosos leitores, hão-de acreditar, sem condições, na descrição da maravilhosa viagem que eu fiz à Lua.

Outros, não menos estudiosos e inteligentes, mas incrédulos de tão fantástica aventura, hão-de duvidar que a Lua seja habitada.

É a êsses que eu, em rápidas palavras, vou tentar convencer.

O primeiro raciocínio da vossa observação infantil é, talvez, perguntar como pode a Lua ser habitada se ela não tem sempre o mesmo tamanho. Eis o vosso primeiro engano. A Lua tem sempre a mesma dimensão, mas como



A MORTE HEROICA DO RATINHO SERAPICO

Por LUIZ FERREIRA — (Tio Luiz)

UM velho palácio dos arredores de Lisboa, tão velhinho que já tinha teias de aranha, muito brancas, haviam-se instalado para cima de 200 ratos, ratinhos e ratões. Como os donos da casa recheavam constantemente a despensa com as mais finas iguarias, os senhores ratos passavam vida regada. Durante o dia, ocultos num sótão «jogavam as cartas» faziam paciências, contavam histórias, andavam de baloço e alguns, mais hablidosos, frisavam os bigodes dos companheiros. À noite, quando se apagavam as luzes e o silêncio só era cortado pela sinfonia das baratas e pelo «tic-tac» dos relógios, a rataria descia as escadas,

páta-ante-páta, e, contendo a respiração, marchava para a despensa. Uns, os maiores e mais gordinhos, comiam chouriço, presunto, rodela de salame e algum pedaço de carne assada que a cozinheira tivesse deixado ficar do jantar. Os mais novos, com os dentes mais fraquinhos, entretinham-se com toucinho, banha e lombinhos de porco — que de tudo havia na ideal despensa. Para os veteranos, desdentados, era reservada a manteiga, o açúcar e a marmelada. Quando podiam arrastar a cáuda, os ratos, ratinhos e ratões davam as boas-noites ás baratas e retiraram-se para os seus aposentos.

Ora, meninas e meninos, não há bem



que sempre duro nem mal que não tenha fim. Os donos do velho palácio, verificando os assaltos diários feitos á despensa, resolveram por bem acabar com tal estado de coisas. E, sem uma hesitação, arranjaram um grande gato, e confiaram-lhe o papel de raticida. Por cada vinte ratos que matasse, receberia o bichano meio cento de carapaus e 250 gramas de bofe. Fechado o contracto, o bichano lambeu os beiços, miou seis vezes em dó sustenido e preparou, astuciosamente, a sua primeira ofensiva.

E o drama começou...

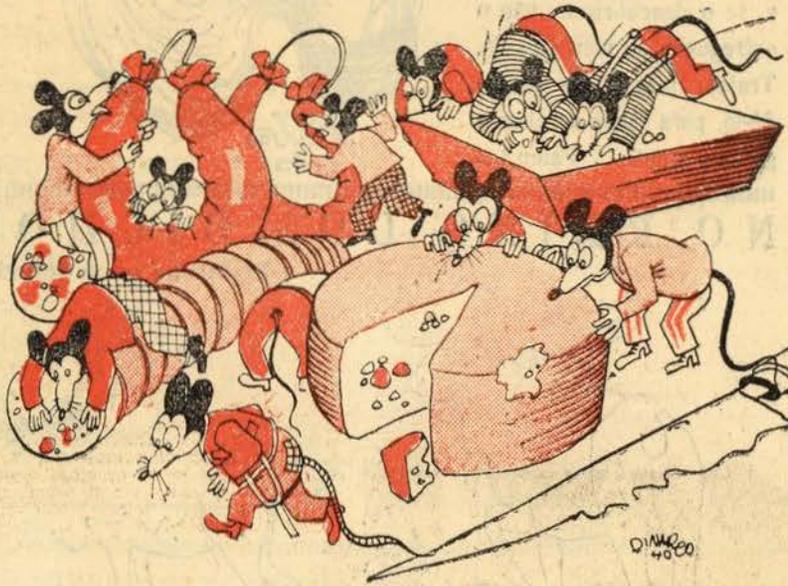
Pouco depois da meia noite, as luzes do palácio apagaram-se. Momentos volvidos, as baratas começaram circulando á procura do pãozinho com ácido bórico. O gato, empoiletrado no poial do pote, apurava os ouvidos e o nariz. Descuidados, não prevendo o perigo que os ameaçava, os ratos, ratinhos e ratões desceram as escadas, a caminho da despensa. O inimigo espreitava-os, antegozando o momento de os aniquilar. E foi contando:

— «Um, dois, três...»

Com manifesto prazer viu que, nada mais nada menos de 200 ratos, tinham passado para a despensa. Mentalmente fez uma regra de 3: «Se em 10 ratos tinha 50 carapaus e 250 gramas de bofe, em 200 teria X.»

Multiplicando e dividindo, viu que o X era igual a 1000 carapaus e 5 quilos de bofe. Que belo negócio!

O pior para ele é que um ratinho minúsculo, o Serapico, precisamente o que fechara o cortejo, dera pela sua pre-



descreve em volta da Terra um movimento caeniado com a rotação que possui sobre si própria, faz com que nós somente vejamos a fase que, em resultado desses dois movimentos, se nos apresenta iluminada pelo Sol, conservando-se a parte restante em absoluta obscuridade para nós porque, como já dissemos, a Lua não tem luz própria.

Porque não pode ser habitada, se é um astro como a Terra e se, como esta, vive isolada no espaço?

Diversos sábios que a têm estudado com magníficos telescópicos, aparelhos próprios para observação dos astro — afirmam ver montes vulcânicos e grandes planícies; se a Terra é habitada por seres humanos, se nas entranhas do próprio solo nascem e vivem insectos e vermes, se no fundo dos mares existe um mundo de peixes (como

lhés é descrito no admiravel conto de Ferreira da Silva), porque razão a Lua não pode ser habitada por qualquer outra espécie de viventes, que não sejam peixes, nem pessoas, nem insectos?...

Em tudo isto eu pensava, no meu terraço, o ano passado, na noite de Santo António.

De repente, ouvi na rua um grande alarido. Meia dúzia de garotos pretendia fazer elevar nos ares um balão, igual aos que os meus leitorzinhos já devem ter visto iluminados no espaço. Havia uma diferença.

Este, era gigantesco. Chejo de vento, já com a mecha acesa, atingia a altura de um segundo andar.

Os gaiatos não podiam segurá-lo.

Corri para auxiliá-los. Os petizes, já exaustos, largaram o balão.

Fiz um esforço supremo. Mas o ba-

lão, gigantesco, começou a elevar-se no espaço.

Não o larguei, mas a força do ar foi mais forte do que a força dos meus músculos. E o balão levou-me consigo. Passámos sobre os telhados. Subimos mais. Subimos sempre. Deixei de distinguir as casas, as ruas, os homens... E o balão sempre a subir! E subi tanto, tanto, tão alto, que me levou á Lua.

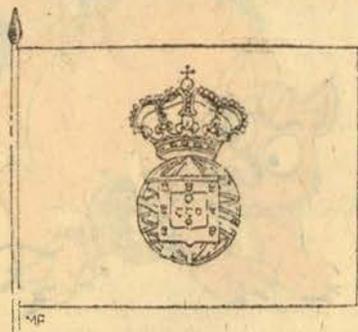
Estou certo que hoje, amanhã, ou quando tiverem ocasião, os meus leitorzinhos não-de olhar para a Lua, embevecidos, na miragem dos encantos que ela encerra.

Qual de vós não gostaria de fazer, como eu fiz, esta viagem encantadora?

No próximo número hei-de descrever-lhes tudo o que vi dentro desse astro maravilhoso, para que os meus leitorzinhos possam, acordados como eu, viver o sonho doirado deste meu conto fantástico...

Bandeiras de Portugal

(Desenhos para colorir)

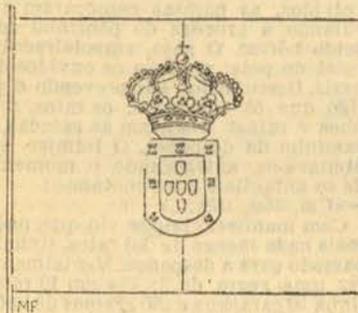


19 — Bandeira de D. João VI

A penúltima bandeira do reino era branca.

A esfera armilar é amarela, excepto nos intervalos que são encarnados. O escudo é carmesim, com os castelos amarelos. O espaço em torno das quas, que são azuis, é branco. O filete que encima o escudo é amarelo.

A corôa é amarela com pedras de cores diversas. O globo onde assenta a cruz é azul. O interior da corôa, bem como a cúpula interna são encarnados. (1816-1826)



20 — Bandeira liberal

Foi a última bandeira do reino. É azul, no lado esquerdo, e branca, no lado direito.

O escudo e a corôa são idênticos aos da bandeira anterior. Suprimiu-se, como se vê, a esfera armilar.

A semelhança das bandeiras dos séculos quinze e dezasseis, a bandeira azul e branca conheceu muitas tardes de glória. Acompanhou Serpa Pinto na sua travessia de África. Brillhou ao sol de Chaimite, na arrancada fantástica de Mousinho e envolveu o corpo de Silva Pôrto quando este, para a defender, morreu heroicamente.

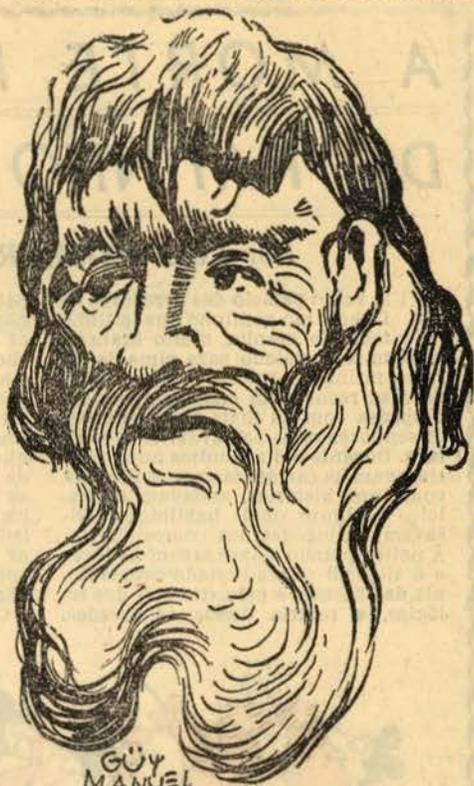
sença. E o Serapico era inteligente, audacioso e destemido! Aos guinchos, o ratinho quis chamar a atenção dos companheiros. Mas estes, deslumbrados com uma remessa de patos que nessa noite chegara à despensa, não o ouviram.

Como remedear a situação?! Serapico suava por todos os poros e o seu rabinho, agitando-se como uma ventoinha, indicava a gravidade da situação. O bichano, cautelosamente, avançava para o Serapico, disposto a transformá-lo num pastel de massa tenra... Mas o ratinho, que nada tinha de pas-

ADIVINHA

Este gigante, que vocês aqui vêem, lutou (nos tempos do Rei Artur) com um outro que, todavia, era um pouco mais pequeno. Porém, quando o gigante lhe ia dar o golpe que o mataria, o mais pequeno teve uma ideia genial e escondeu-se-lhe no corpo... E calculem lá vocês que o gigante ainda anda a esta hora para o matar.

Queiram vocês procurá-lo e, se o descobrirem, não o entreguem ao mau gigante. Tratem mas é de escondê-lo, para fazer arrelhar o gigante mau!... Valeu?...



GUY
MANUEL
40

NO REINO DOS BICHOS

(Desenhos para colorir)



Alce

Se um dia os meninos visitarem o território do Alasca, ao norte da América, encontrarão este animal de focinho carrancudo.

É castanho, avermelhado, de grande porte. As armas são da mesma cor.



Rangifer

Este simpático habitante do Polo presta grandes serviços aos lapões e é branco como o gelo eterno em que vive.

O abdomen e as patas são castanhos.

tel, esgrimia, dansava, pulava e chiava. Os companheiros, dentro da despensa, galhofavam e roíam os patos.

Serapico visionava já a hecatombe: Todos seriam mortos no regresso ao sótão! Então, reunindo todas as suas forças, atirou-se ao gato e mordeu-o raiosamente. Um miau formidável encheu a cozinha, a despensa, todo o palácio. Em tropel, os 199 ratos, ratinhos e ratões, que se estavam banquetear, fugiram em direcção à escada. O gato quis impedir-lhes a passagem mas o valente Serapico ainda teve forças para lhe trincar um orelha. Novo «miau»

violento e os 199 condenados estavam salvos! Serapico, contente por ter cumprido o seu dever, quis também salvar-se. Mas já era tarde. Furioso com o malôro dos seus planos, o gato dilacerou-o com as unhas e arrancou-lhe os bigodes.

Lá em cima, no sótão, chorando baixinho, os 199 ratos, ratinhos e ratões, recordavam saudosamente o companheiro querido que, voluntariamente, se sacrificara para os salvar.

Pobre Serapico!

FIM

A PATINHA BRIOSA

Por LAURA CHAVES

MORRERA o senhor Patinho e a pobre pata, coitada, viu-se só mais o filhinho sem ter nada, nada, nada!

Mas, como era corajosa, pela dôr não foi vencida, mesmo assim, muito chorosa, tratou de ganhar a vida.

Comprou a táboa, o sabão, decidiu ser lavadeira, e, vai, desandou, então, a caminho da ribeira.

Sempre em seu bambolear, pé'qui, pé lá, foi andando, sempre num triste grasnar, ao seu menino falando:

— Se a nossa vizinha Poupa tiver dô de nós, meu filho,

e me quizer dar a roupa, já comes papas de milho.

E o patinho respondeu, fitando os olhos no rio: — Desde que o papá morreu que tenho o papo vazio.

Meses e meses volveram e à nossa boa patinha todos os bichos lhe deram a lavar sua roupinha.

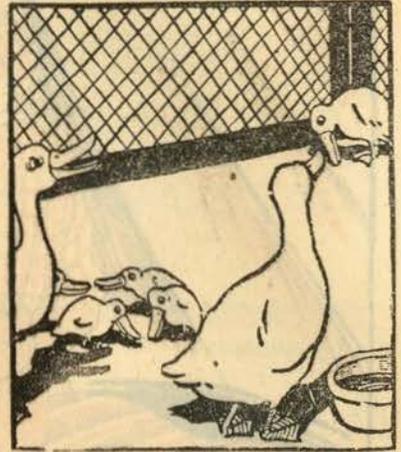
Mas uma tal patareca que tinha muito más obras, mesmo levada da breca, e ainda pior que as cobras,

foi dizer ao pato-mudo — o que não foi nada recto — que ela esburacava tudo porque deitava cloreto.

E o mudo pôs-se a falar... — Olha o que faz a maldade! E à bicheza foi contar o que não era verdade!

Tornou o pobre patinho a pôr os olhos no rio e a dizer, muito tristonho: — Cá tenho o papo vazio!

Passaram fome de rabo, a patinha e mais o filho



por môr daquele diabo ter armado um tal sarilho.

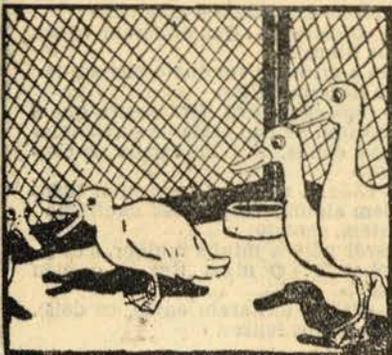
Té que um dia, essa danada, fingindo ter caridade, quis dar-lhe esmola avultada não por dô, mas por vaidade.

E, cheia de indignação, a pata chamou-lhe: — Peste... e disse-lhe mais, então: — Se fôste tu que fizeste,

bicho mau e traiçoeiro, esta maldade sem nome, fica lá com teu dinheiro, que eu fico com minha fome.

Logo os bichos se curvaram ante tanta dignidade e êles não mais a deixaram ter fome ou necessidade.

.....
Quem com brilho se criou, razão à pata há-de dar...
Aquele que nos sujou, nunca nos pode limpar.



CONCURSO DE LEGENDAS

A lista que publicámos no número anterior, faltou mencionar os seguintes nomes de meninos cujas produções mereceram também do júri uma especial referência:

Zalda da Luz Saramago, de Santarém, Maria Inez de Melo, de Lisboa, Frade Felix, de Olhão, Gabriela Pereira, do Porto, Francisco Ferreira, de Arganil, Manuela Niza, de Lisboa.

PROBLEMA

(Solução do número anterior)

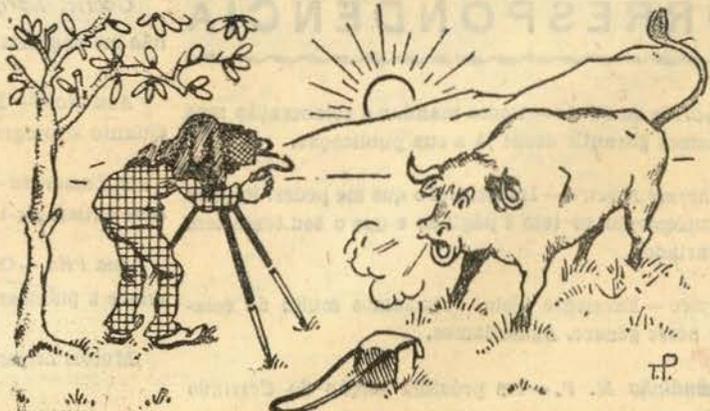
Laura, Ana, Aura, Aurea, Renata, Ileana, Aurélia, Lina.

MISTURA DE LETRAS

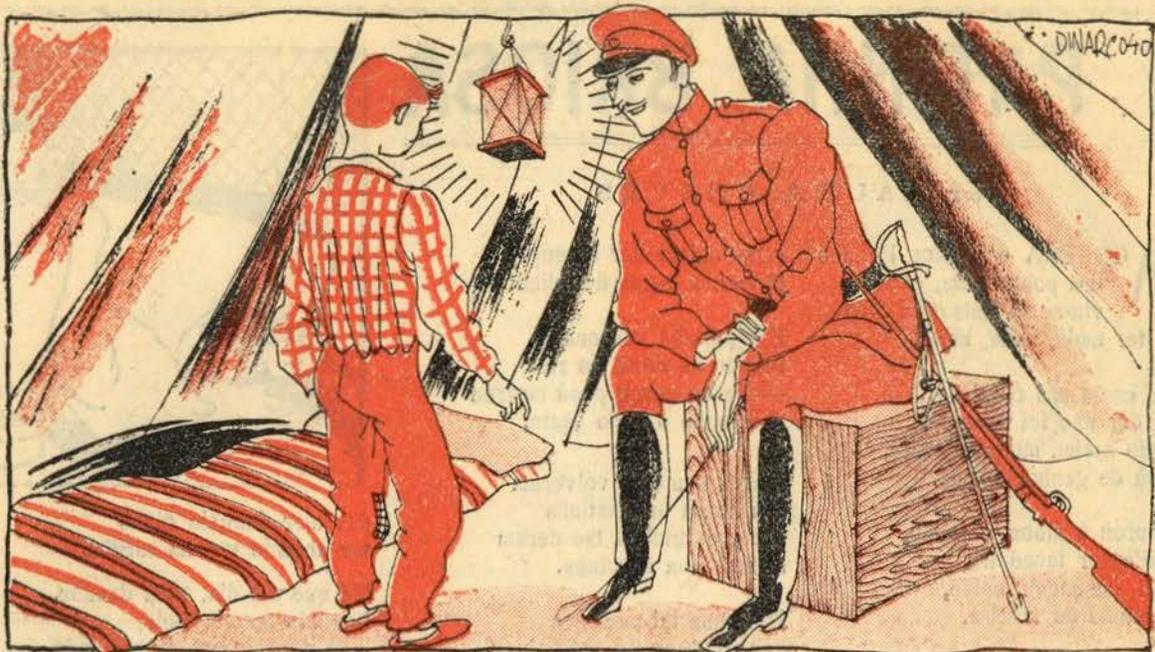
(Solução do número anterior)

Mónica, Adélia, Raquel, Isabel, Amália.

A FÔRÇA DO HÁBITO



— Quietinho, um momento só, se faz favor!



COMO SE FAZ UM TAMBOR *(Continuado da página 2)*

— «Meu comandante, eu posso substituir o tambor. Quere ver?»

E, sem esperar pela resposta, ante a admiração do comandante, o rapaz, começou a tocar, a tocar...

— «Bem, está bem, para lá isso?»

— «Então, posso?»

— «Sim, podes, meu rapaz.»

E foi assim, com o João muito senhor do seu papel, zumba que zumba, que o regimento seguiu estrada fóra...

— «Nada.»

— «Não! Alguma coisa tens, pela certa. Não é costume eu ver-te assim.»

— «Pois bem. É verdade que estou muito aborrecido! Lê esses papéis, que ontem encontrei nessa gaveta...»

Eu que julgava ter tido um pai estremeado, verifico que não sei quem sou, nem donde vim. Apareci no mar.»

— «O quê?» — indagou ansiosamente o Rui.

— «Lê, lê, e logo verás!»

Um instante depois, Rui atirava para o lado os papéis, e estreitava nos braços o João, muito admirado.

— «Meu irmão. Meu querido João! Tu és o meu irmãozinho Mário, que julgávamos morto no naufrágio! Como estou feliz!»

E por largo tempo estiveram estreitamente abraçados.

Quando chegaram perto da cabana do pobre velhinho, verificaram, com mágoa, que ele não estava ali, conforme era costume. Foram encontrá-lo estendido no chão, quasi inanimado.

— «Pobre velho! Não podemos deixá-lo aqui por mais tempo. Vai buscar um «taxi», João; vai depressa.»

Só à força de muitos dias de constantes cuidados, conseguiram que o pobre velho começasse a melhorar.

E uma noite, em que os dois irmãos conversavam junto do seu leito, a respeito do naufrágio, ao pronunciarem o nome do barco, viram o velhinho erguer-se espantado e perguntar:

— «Disseram... Que disseram vo cês meus filhos?»

Era a primeira vez que o ouviam falar e ficaram aflitos.

— «Sossegue, avô, (era assim que o tratavam). Se não gosta de ouvir falar destas coisas, nós mudamos de conversa.»

— «Não... não!... Quero ouvir tudo! Sabem alguma coisa desse naufrágio? Contem, contem...»

Perdi nêle a minha mulher, e os filhinhos... O meu Rui, e o meu Mário!»

— «Pai!» — (gritaram então, os dois). Como somos felizes!»

■ F I L M ■

CORRESPONDÊNCIA

Maryarda da Fonte — Podes mandar a colaboração mas não podemos garantir desde já a sua publicação.

Guilherme Pereira — Impossível o que me pedes. Repara que o suplemento só tem 8 páginas e que o seu texto tem de ser variado.

Sarapico — Excelente ideia. Precisamos muito de colaboração nêse género. Aguardamos.

Fernandinha M. P. — Na próxima secção do *Cestinho da Costura* encontrarás o que desejas.

Gabriel Marques — Os desenhos são decalcados. A mim não me enganas tu. Faze outros.

Ana Rosa — Brevemente será satisfeito o teu pedido. Quanto à fotografia podes mandar.

A Lamarosa — Temos uma construção para breve que deve satisfazer-te.

Ana Pita — Os conselhos de G. E. muito em breve votaremos a publicar.

Muitos beijos a todas do muito amiguinho

TIO PAULO